A DOENÇA ESTÉRIL DO PESSIMISMO

A alegria do Evangelho é tal que nada e ninguém no-la poderá tirar (cf, Jo 16,22). Os males do nosso mundo - e os da Igreja - não deveriam servir como desculpa para reduzir a nossa entrega e nosso ardor. Vejamo-los como desafios para crescer. Além disso, o olhar crente é capaz de reconhecer a luz que o Espírito Santo sempre irradia no meio da escuridão, sem esquecer que, *«onde abundou o pecado, superabundou a graça»* (Rm 5,20). A nossa fé desafia-nos a entrever que a água pode ser transformada em vinho e a descobrir o trigo que cresce no meio do joio.

Uma das tentações mais sérias que sufoca o fervor e a ousadia da fé é a sensação de derrota que nos transforma em pessoas pessimistas lamurientas e desencantadas, com cara de «vinagre». Ninguém pode empreender uma luta se de antemão não está plenamente confiante no triunfo. Quem começa sem confiança, perdeu já metade da batalha e enterra os seus talentos. Embora tendo dolorosa consciência das próprias fraquezas, temos que seguir em frente, sem nos darmos por vencidos. Temos de recordar o que o Senhor disse a São Paulo: *«Basta-te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza»* (2 Cor 12,9). O triunfo cristão passa sempre através da cruz, mas cruz é, simultaneamente, estandarte de vitória, que se empunha com ternura batalhadora contra as investidas do mal. O mau espírito da derrota é irmão da tentação de separar prematuramente o trigo do joio, resultado de uma desconfiança ansiosa e egocêntrica.

É verdade que, nalguns lugares, se produziu uma «desertificação» espiritual, fruto do projeto de sociedades que querem construir-se sem Deus ou que destroem as suas raízes cristãs. Noutros países, a perseguição obriga os cristãos a viverem a sua fé às escondidas. Esta é outra forma muito triste de deserto. A própria família que vive a fé e a transmite pode tornar-se em ambiente árido. Mas «é precisamente a partir da experiência deste deserto, deste vazio, que podemos redescobrir a alegria de crer, a sua importância vital para nós, homens e mulheres.

No deserto, é possível redescobrir o valor daquilo que é essencial para a vida; assim sendo, no mundo de hoje, há inúmeros sinais da sede de Deus, do sentido último da vida, ainda que muitas vezes expressos implícita ou negativamente. E, no deserto, existe sobretudo a necessidade de pessoas de fé que, com as suas próprias vidas, indiquem o caminho para a Terra Prometida, mantendo assim viva a esperança» (Bento XVI, *Homilia na Missa de abertura do Ano da Fé*,

11 outubro 2012).

Em todo ocaso, nestas circunstâncias somos chamados a ser pessoas-cântaro para dar de beber aos outros. Às vezes o cântaro transforma-se numa pesada cruz, mas foi precisamente na Cruz que o Senhor, trespassado, Se entregou por nós como fonte de água viva. Não deixemos que nos roubem a esperança!

(cf. Papa Francisco, *O Evangelho da vida*, ed. Nascente 2015, pp. 22-24)